

**MÉTODOS E METODOLOGIAS:  
A PÓS-MODERNIDADE NA (RE)SIGNIFICAÇÃO  
DE UMA PESQUISA QUALITATIVA**

*Gustavo Henrique da Cunha Moura* (UEMS)

[g\\_her20@hotmail.com](mailto:g_her20@hotmail.com)

*Ruberval Franco Maciel* (UEMS)

[ruberval.maciel@gmail.com](mailto:ruberval.maciel@gmail.com)

**RESUMO**

O ensino pós-método tem sido o foco de vários estudiosos que buscam mais possibilidades no ensino de línguas, já que a globalização tem forte impacto no cenário educacional. Consequentemente, os professores adotaram estratégias para lidar com contextos imprevisíveis e também desenvolveram práticas mais informadas (KUMARAVADIVELU, 2012) levando em conta as possibilidades locais dos alunos e os possíveis resultados em termos globais. Na América Latina, por exemplo, Kanavillil Rajagopalan (2005, 2010) é um dos especialistas que abordou alguns dos principais problemas que as novas configurações geopolíticas implicaram no ensino de línguas. Ao mesmo tempo, ele chamou nossa atenção para os diferentes aspectos culturais que nos rodeiam e que fornecem agência social dentro do mundo globalizado, mesmo através do ensino/aprendizagem de inglês. Para colaborar com essas ideias, o presente estudo traz o meu processo de compreensão do funcionamento dos estudos pós-modernos que alicerçam o ensino de línguas a partir de uma perspectiva transcultural, de modo que eu possa considerar todas as informações na reconfiguração de uma sociedade global, hoje reconhecida. Como B. Kumaravadivelu (2012) afirma, esta é uma interpretação alternativa do processo de ensino da língua inglesa, que pode ser considerada como uma voz mais entre muitos outros que considera o ensino de línguas e línguas para além das fronteiras coloniais.

**Palavras-chave:** Pós-modernidade. Ensino de inglês. Metodologias.

**1. Introdução**

Por meio deste trabalho, procuro descrever um pouco da minha experiência em uma das disciplinas que cursei ao longo do segundo semestre de 2016, enquanto mestrando em letras na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Procuro escrever o que mais me chamou a atenção e dar voz a minha interpretação sobre o impacto da pós-modernidade nas pesquisas qualitativas referentes às humanidades, nessa ocasião com o foco na formação de professores e ensino de língua inglesa.

Em resumo, meu interesse nas aulas desta disciplina está na possibilidade de discutir e entender um pouco mais sobre o mundo pós-moderno. Refletir, a partir de então, nas práticas que essas teorias me

apresentam e ressignificar minha compreensão do local que estou inserido. Eu creio ser válido abrir espaço para esse tipo de discussão, afinal muitas das teorias ainda se limitam e, por isso, acabam não abrangendo, ou até mesmo não possibilitando outras formas de se encarar os resultados da globalização.

Além de discorrer sobre o que passei nas aulas, trago relatos de anotações que encaro como pertinentes na minha ressignificação de sentidos. Para esse trabalho, em específico, eu lido com o aporte autoetnográfico que me permite vivenciar e contar as minhas histórias, para que essas sirvam de ferramentas na construção de significados que permeiam a minha interação cultural. (CANAGARAJAH, 2012)

Esse trabalho, em si, trata do meu relato de construção conhecimento na caminhada de ser um professor de língua inglesa que se encontra no mundo acadêmico por meio do mestrado. Aqui, ofereço ao leitor alguns pensamentos recorrentes das discussões com meu orientador, colegas e inclusive comigo mesmo, pois se tratando de pesquisas qualitativa eu procuro estar e dialogar coerentemente com os contextos dos quais faço parte diariamente. (BOGDAN & BIKLEN, 2010)

## **2. *A realidade a minha volta: literatura e as portas para a pós-modernidade***

A disciplina cursada foi sugerida por meu orientador, Ruberval Franco Maciel, por conter um professor que trabalha com autores que abrangem os estudos pós-modernos e pós-estruturais. Também, para cumprimento de créditos necessários antes da qualificação e defesa final o trabalho de mestrado, eu precisaria cursar uma disciplina que estivesse fora da minha área de atuação, conforme o programa pede.

A partir disso, mesmo sabendo que se tratava de uma área diferente da que venho trabalhando, e por entender que eu poderia melhorar meu repertório para escrever sobre um tema um tanto corrente nas discussões de conferências e encontros recentes, acreditava que não teria muitas dificuldades em caminhar e discutir sobre os textos propostos. O que, logo na primeira aula em que eu estive, já fez com que eu parasse e refletisse um pouco mais acerca desta minha ideia.

O professor Daniel Abrão<sup>146</sup>, em sua apresentação e explicação da ementa para o semestre, já trazia questionamentos que me faziam parar e ver que a tarefa não seria tão simples assim. Nessa primeira data, já me deparava com uma opinião que o próprio utilizou ao se referir sobre uma “pós” que de tão usado já não se sabe mais o que significa. Ele dizia, talvez por meio da literatura, que a representação (mimeses) e criação de uma arte sempre viriam da imitação, e para mim, interpretar seus dizeres e correlacioná-los com meus estudos já, então, não fazia sentido.

Primeiro, porque mesmo se tratando de uma tese, e claro dependendo de onde estamos falando, eu acredito que o trabalho final de um mestrando se embasa numa literatura que, hoje, sofre por constantes alterações que acarretam na sua desconstrução. Há um tempo, quando li pela primeira vez sobre a pós-modernidade, entendia que teria que passar por este processo para entender aquilo que talvez eu não entendesse. No entanto, ao ouvir aquelas primeiras palavras, me questioneei se o que eu vinha fazendo tratava-se de uma inovação por não seguir com meu trabalho moldado em caixinhas, ou meramente, estava imitando e me utilizando dos conceitos dos outros para defender algo que não fosse tão original quanto eu pensava ou até mesmo que não podia explicar coerentemente.

Tal como o professor ainda apresentava em sala, são muitos aqueles que querem discutir sobre os assuntos da academia, mas poucos os que realmente se aprofundam nos estudos para serem coesos com o que escrevem. Aqui, nesse dia, meu questionamento serviu para minha organização na construção de um aporte teórico que buscava para me sentir mais embasado, teoricamente e ser capaz de desenvolver minha própria teoria por uma reinterpretação daqueles que já apresentavam algo ante de mim.

Um ponto chave, porém, foi que considerava difícil ouvir sobre poesia brasileira contemporânea e fazer uma ponte com o ensino de linguagens. As duas linhas, ao mesmo tempo em que se completavam, se divergiam e seguiam direções opostas. Eu tinha em mente, que dali eu ainda não sairia um especialista em literatura, visto ainda que percebi uma grande disparidade entre meus estudos literários na graduação em relação com o que estava diante agora, e também precisaria complementar minha pesquisa com esta disciplina, mas o período se tornava árduo à

---

<sup>146</sup> Professor doutor responsável pela disciplina de "Tópicos em historiografia literária – poesia brasileira contemporânea".

medida que as demais aulas aconteciam. De antemão, gostaria de ter tido a oportunidade, talvez, de focar um pouco mais no que eu gostaria de trabalhar – pós-modernidade – mas, ainda aberto ao novo, procurei me adequar a realidade que então me contextualizava.

### **3. A escola de Frankfurt e o reconhecimento do caos**

De início, fui apresentado ao um ponto histórico que incluía a Escola de Frankfurt. Em definição, e ao meu entendimento do que foi discutido, estávamos tratando de uma crítica à sociedade, porém num sentido negativo. Segundo Theodor Adorno (2003), a literatura passava por um momento em que a poesia era vista como resistência à degradação social. Mais uma vez, o termo “pós” era utilizado, e por eu esperar discutir sobre esse mundo da “pós” me vi surpreso em não acreditar ter uma participação mais ativa dentro de sala.

Eu achava que entendia que precisaria de mais de uma perspectiva para entender esta questão, mas algo que me chamou atenção nas palavras do professor foi ele se referir a uma “modernidade líquida” que se atinha a uma falsa consciência. Parecia simples até então, mas o rumo do diálogo foi seguindo para a poesia, para a arte. Era simples ouvir que arte poderia ou não refletir questões sociais em poesias e prosas. Que a expressão subjetiva numa poesia ganhava espaço a medida que o homem se utilizava do lírico para esta cada vez mais próximo do mundo. Mas ao mesmo tempo, eu, pessoalmente, sentia que não conseguia argumentar o tudo isso significava.

A minha reação era sempre anotar, pois acreditava que depois eu daria conta de procurar as informações que me fariam me sair melhor na matéria. Eu ainda acreditava, que poderia suprir uma falta de saber sobre poetas e poesias, que poderia me ajudar na compreensão de tudo o que precisava.

Consequente, de maneira a tentar fazer com que nós, alunos, tenhamos entendido aquele primeiro diálogo sobre a transformação da poesia em relação à sociedade, tivemos de analisar um poema – “A Flor e a Náusea”. Mais uma vez, parecia fazer sentido o que havíamos conversado. No meu limite intelectual para fazer a análise desta obra, segui pontos básicos como ideia do eu-lírico, características dos versos e rimas. Uma vez, retornando ao grupo, uma visão mais criteriosa abriu espaço para um entendimento mais afim do conteúdo previamente apresentado. Por meio

da estrofe seguinte, procuro apresentar um pouco dessas perspectivas que puderam ser ampliadas no que diz respeito à poesia contemporânea ou moderna.

Vomitare este tédio sobre a cidade.  
Quarenta anos e nenhum problema  
Resolvido, sequer colocado.  
Nenhuma carta escrita nem recebida.  
Todos os homens voltam para casa.  
Estão menos livres mas levam jornais  
E soletram o mundo, sabendo que o perdem.

(ANDRADE, 1945)

A partir daqui, pude perceber o que era a crítica frankfurtiana. Consegui perceber, com auxílio, o que o sujeito percebe por realidade negativa e como o contexto tem influência significativa na posição do eu-lírico na poesia. A articulação dos efeitos sonoros e suas formas incentivam a compreensão do sentimento que se apresenta na obra. E enfim, de primeiro instante parece que passo a entender um pouco mais desta pós-modernidade. Uma noção de que existe um sentimento compartilhado por todos e que cada Eu se encontra em confronto com uma realidade complexa.

Se relacionado ao ensino de linguagens, interpreto esse sujeito poético como um professor, aluno ou até mesmo qualquer membro de uma instituição de ensino. Coloco-me na posição dele para me referir que o ensino de uma língua não precisa estar dentro de normas fixas que o caracterizam da maneira como ainda este é enxergado. Ir além de sistemas que classificam uma língua exige o que conheci como lampejos de uma voz lírica. São estas vozes que carecem de atenção, pois elas colocam o indivíduo no centro das complicações sociais e o prende num campo em que diferenças não são enxergadas. A passividade social ajuda na marginalização que por uns é vista como apaziguadora, mas que não deixa de expressar as contradições sociais deste mesmo indivíduo.

Dentro de um estranhamento, numa falta de saber como as regras tem se portado nas mais diversas combinações de sentido, eu procuro pensar em combinações de ações que me levem à autoconsciência de que posso superar conflitos e encontrar esperança neste caos que me encontro.

#### **4. Pós-modernidade e sociedade global: me entende?**

A primeira questão apresentada na aula seguinte, e que me chama a atenção, retrata na multiplicidade de denominações para um determinado, talvez até mesmo, período. Onde estaríamos vivendo? Mundo moderno? Pós-moderno? Pós-guerra? Um mundo globalizado apenas? Um mundo ocidental onde o capitalismo rege e dita regras? Afinal, como compreender tantas descrições de um mesmo local partilhado pela sociedade?

Em contraste, a literatura e as humanidades abordam possibilidades de representação ou antirrepresentação. Na verdade, existe uma busca de modificação, e à medida que o mundo corre, outros pensamentos e ideologias se solidificam e acarretam a institucionalização das coisas. A necessidade social deste mundo que não sabemos identificar é de nomear tudo o que se é descoberto de novo e descrever o que quer que seja nos mais mínimos detalhes.

Concomitante a esta necessidade, Eric Hobsbawn (1994) apresenta uma série de fatos histórico-sociais que impactaram o modo de buscarmos por estas coisas. Em seu texto, vimos uma possibilidade de ao invés de generalizarmos características – baseadas quer seja no ocidentalismo, ou capitalismo, por exemplo – poderíamos rever nossas singularidades regionais. Em termos decoloniais (MONTE MÓR, 2014), me atento em derrubar um mundo binário que defende apenas o que é certo ou errado, feio ou bonito, válido ou não-válido. Me atento, em antirrepresentar o local onde vivo como parte, apenas, de um local maior. Procuo descrever minhas necessidades locais, para que a partir de então eu possa trabalhar num sentido mais amplo mais tarde. (KUMARAVADIVELU, 2012)

Não só na poesia, mas mais uma vez trazendo este tópico para o ensino de línguas, este pensamento atrelado à educação abre possibilidades de formar pessoas que entendam a cultura do outro (SOUZA, 2015). Pessoas que possam conviver nas diferenças dos seus Eus e modificar seus ambientes criativamente. Falando assim, ainda me questiono se estamos atrás de uma utopia pós-moderna. Se algum dia, realmente, poderíamos nos entender uns aos outros um pouco mais. Será que esta realidade ainda está distante da nossa ou estou mais preocupado nos impactos do futuro que não presto atenção no que o hoje me apresenta?

## 5. *Outros olhares para uma pesquisa: demandas sociais*

De maneira a procurar especificar melhor meus comentários das aulas, passei a fazer um mapa conceitual do que era apresentado em sala. Junto das anotações, seguiam comentários do que provavelmente surgiam a partir das dúvidas. Caro leitor, demonstrarei um pouco desse mapa para escrever este relatório, e tentar passar um pouco desses questionamentos para que meu raciocínio seja melhor interpretado.

- Tipo de sociedade;
- Pensar a sociedade em termos de arte;
- “uma classe em dissolução”<sup>147</sup>

A sociedade é algo ao mesmo tempo limitada em termos de definição, mas intangível no que diz respeito a descrevê-la por completo. Qual o tipo de sociedade em que vivemos hoje e quais influências existem nas nossas ações nos diversos ambientes que vivemos? Vemos o que significa dizer que a sociedade está se dissolvendo? Zygmunt Bauman (2007) e Walkyria Maria Monte Mór (2011) dialogam a partir da ideia de que anteriormente, a sociedade não tinha limites impostos. Todos se conversavam, davam um jeito de se entender mesmo quando as línguas faladas não eram iguais. Depois, a sociedade moderna procurou estabelecer padrões para se viver. Podíamos ser vistos dentro das nossas características limitadas, regiões que seguiam tradições nunca mutáveis. E hoje, quando buscamos derrubar todas as barreiras uma vez impostas, lidamos com a falta de preparo e o medo do que não conhecemos além-fronteiras. Nosso modo de enxergar as coisas se modifica a partir de gerações que vem se desenvolvendo já nesse novo mundo configurado do modo como está, e resta então a opção de escolher seguir o fluxo ou ficar estagnado no tempo.

- As especializações são problemáticas; romper as especialidades indo a fundo nela mesma, e não a deixando de lado;
- Pesquisas que caminham para uma esfera maior (Letramentos), e perdem sua especificidade;
- Ensinar a gostar de ler sem precisar ler; Trabalhar o “literário”
- “Alunos da graduação partem para uma especialização sem dominar determinadas tradições”; produzir cientificamente; comum o aluno que só tem bagagem do próprio projeto;

---

<sup>147</sup> Transcrição das anotações obtidas das participações das aulas.

- Especialização e ultra visão da sociedade; fora da área de letras mesmo (psicologia, antropologia, história)<sup>148</sup>

A partir dos pontos levantados acima, mais uma vez me foi trazido o questionamento do que eu mesmo estaria desenvolvendo na minha pesquisa. Acredito que mais do que entender a literatura em si, estas questões me fizeram pensar um pouco mais na minha trajetória enquanto pesquisador e me identifiquei, pois saí da graduação e entrei direto no mestrado. Não sinto que faltou experiência profissional, pois antes mesmo de entrar na faculdade de letras já dava aulas. Mas assim como todo o percurso até aqui, sinto que vou desenvolvendo cada vez mais algumas percepções do que significa estar inserido na academia.

Hoje em dia, me proporciono, ou tento me proporcionar com experiências afins e diversas, e procuro ouvir bem mais do que falar, o que pode ser considerado tanto uma qualidade quanto um defeito. Fora da binaridade, me vejo dentro de um mundo onde a superexposição do que penso é vista como exagero e vontade de dominar tudo, mas ao mesmo tempo o meu silêncio como se eu não soubesse dominar os argumentos para uma determinada discussão. Me enxergo e me pergunto, o que falta mais? Aulas? Teorias? Experiência de vida? O que parece ser tão fácil de compreender ao mesmo tempo se torna complexo e duvidoso. Estes estudos, no entanto, podem não ter me oferecido as respostas que eu gostaria, mas abriram portas para outros olhares e pensares.

## **6. Considerações finais**

Concluo estes relatos, talvez inconventionalmente, devido a quantidade de questões que surgiram da minha participação nas aulas acima descritas. Em uma forma de abranger todos os tópicos, achei pertinente manter algumas das anotações conforme realizadas junto dos comentários que eu mesmo ia fazendo e refletindo sobre. Encarei, a partir do conteúdo, que existe a possibilidade de estar num ambiente onde eu era aquele que não tinha respostas para tudo, e que não era conhecido para mim ressaltou a minha probabilidade frente a um estudo que ainda carece de discussões e compreensão.

A pós-modernidade, ao mesmo se instaura e se dilui e escrever sem base (contemporânea-líquida) é viver em base do questionamento,

---

<sup>148</sup> Transcrição das anotações obtidas das participações das aulas.



formar dentro do informe, não escolher lados, pelo contrário se constituir junto deles. A crise nesse ponto de vista é motor, pois põe em cheque a tradição de um passado e se constitui na geração de novas possibilidades, novas hierarquias, onde os valores são outros.

São novos os elementos da pós-modernidade: incapacidade de definir-se, impolítica, a não delimitação, instabilidade tênue. Trata-se de recursos momentâneos de teorização, e agregar esses princípios na pesquisa exige esforço e sabedoria. Tudo pelo fato de que nossas pesquisas caminham conforme as informações fluem no mundo de hoje e como pesquisador, temos que encará-las como não estáticas e provenientes de uma sociedade rica em diversidades.

A reflexão sobre métodos e metodologias, então, vai além de situar as práticas nos diversos campos da docência. A pós-modernidade infere o repensar de se fazer pesquisa que reflete outros modos de se encarar conteúdos para a sala de aula. Enfim, uma ideia que englobe os mais variados e por vezes atípicos aspectos socioculturais que formam um indivíduo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. Palestra sobre lírica e sociedade (1957). In: *Notas de literatura I*. Trad.: Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2003, p. 65-89.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*, 1945.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 2010.

CANAGARAJAH, Suresh. Teacher development in a global profession: an autoethnography. *TESOL Quarterly*, n. 46, n. 2, p. 258-279, 2012.

HOBSBAWN, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

KUMARAVADIVELU, B. *Language teacher education for a global society: a modular model for knowing, analyzing, recognizing, doing, and seeing*. New York: Routledge, 2012.

MONTE MÓR, Walkyria Maria. Critical Literacies in the Brazilian uni-

versity and in the elementary/secondary schools: the dialectics between the global and the local. In: MACIEL, Ruberval Franco; ARAÚJO, Vanessa de Assis. (Orgs.) *Formação de professores de línguas: ampliando perspectivas*. Jundiaí: Paco, 2011.

\_\_\_\_\_. ‘Multi’, ‘trans’ e ‘plural’: discutindo paradigmas (Prefácio). In: TAKAKI, Nara Hiroko; MACIEL, Ruberval Franco. *Letramentos em terra de Paulo Freire*. Campinas: Pontes, 2014.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Language politics in Latin America. *AILA Review*, n. 18, p.76-93, 2005.

\_\_\_\_\_. The English Language, Globalization and Latin America: Possible Lessons from the ‘Outer Circle’. In: SAXENA, Mukul; OMONIYI, Tope. *Contending with Globalization in World English*, 2010.

SOUZA, Lynn Mario Meneses de. Trindade. Momentos transculturais e construção de sentidos. Campo Grande: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2015.